

## **O jornalismo de Torquato Neto: resistência e experimentalismo linguístico<sup>1</sup>**

Maria de Jesus Daiane Rufino LEAL<sup>2</sup>

Doutoranda

Edwar de Alencar CASTELO BRANCO<sup>3</sup>

Doutor

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

### **Resumo**

As narrativas jornalísticas, produzidas em um dado presente, são objetos importantes para a reflexão histórica. Nesta perspectiva, o estudo em questão investiga a atuação jornalística de Torquato Neto, tomando-a como referência para entender o jornalismo brasileiro nos anos que medeiam entre as décadas de 1960 e 1970. Para tal, são analisados os textos publicados nos jornais *O Dia*, de Teresina (1964), *Jornal dos Sports* (1967), *Correio da Manhã* (1971) e *Última Hora* (1971-1972), no Rio de Janeiro. Apresentam-se, nestas linhas, os resultados preliminares da pesquisa, indicando que Torquato Neto praticou um jornalismo militante na área cultural, buscando dar contornos à produção cultural brasileira de sua época, além de inserir, nos jornais da grande imprensa nacional, experimentações linguísticas com nuances da contracultura.

**Palavras-chave:** História da mídia impressa; Torquato Neto; jornalismo contracultural; linguagem.

### **Torquato Neto: um sujeito desterritorializado**

Torquato Neto foi um jornalista, poeta e compositor brasileiro que transitou por territórios muitos diversos ao longo de sua breve vida, experiências de lugares e de pessoas que lhes possibilitaram diferentes visões de mundo e, principalmente, diferentes olhares sobre a produção cultural: a sua e a dos seus contemporâneos.

Ele nasceu em Teresina, capital do estado do Piauí, Nordeste do Brasil, no dia 9 de novembro de 1944, mas viveu parte de sua vida em Salvador e no Rio de Janeiro, com temporadas em Londres e Paris. Faleceu muito jovem, aos 28 anos, em 1972 quando se suicidou aspirando gás no seu apartamento no Rio de Janeiro. (PIRES, 2004, p. 383 – 407).

Foi no Rio de Janeiro que Torquato Neto aprofundou sua relação com o jornalismo e fez da atividade um meio para sua sobrevivência. Antes, ainda em Teresina, atuara

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

<sup>2</sup> Professora do curso de bacharelado em Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História do Brasil – UFPI. daianerufino@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professor Associado do Programa de Pós-graduação em História do Brasil – UFPI. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ. edwar2005@uol.com.br

esparsamente como colaborador em jornais como “O Dia”, onde ainda muito jovem publicou a monografia “Arte e Cultura Popular”<sup>4</sup>. Em 1963 iniciou o curso de Jornalismo na Faculdade Nacional de Filosofia, onde ficou apenas dois anos. Neste período passou a trabalhar como redator no jornal *Correio da Manhã* e, posteriormente, no suplemento *O Sol*, do *Jornal dos Sports*. Além destes periódicos, Torquato Neto escreveu para outros importantes veículos de imprensa do Rio e também de São Paulo, tais como o *Jornal do Brasil*, *O Estado de S.Paulo*, *O Globo*, *Última Hora* e revista *Cláudia*. Ainda na área de comunicação, Torquato Neto trabalhou no setor de divulgação da gravadora *Philips*, no setor de propaganda da *Editora Abril* e na *Air Press*, agência de notícias instalada no aeroporto Galeão que distribuía aos jornais informações sobre quem passava pelo aeroporto. (PIRES, 2004, p.10; p.394).

Na condição de jornalista e especialmente de compositor Torquato Neto esteve sempre ligado ao que foi chamado de grupo baiano, o qual reunia artistas como Gilberto Gil, Tom Zé, Gal Costa, Maria Betânia e Caetano Veloso. Nessa condição, escreveu diversas letras de músicas entre as quais *Geleia Geral*, em parceria com Gil, carro chefe do disco *Tropicália* ou *Panis Et Circensis*, de julho de 1968.

Para este estudo foram considerados os textos publicados por Torquato Neto nos jornais *O Dia*, de Teresina (1964), *Jornal dos Sports* (1967), *Correio da Manhã* (1971) e *Última Hora* (1971-1972), no Rio de Janeiro. A apropriação histórica das produções jornalísticas de Torquato Neto tem sido relevantes para iluminar as condições existenciais do jornalismo brasileiro no período em questão, propiciando a identificação das tensões culturais no Brasil naquele período e os conceitos e concepções sobre a cultura brasileira construídas pela narrativa de Torquato Neto.

A narrativa e a linguagem, como se sabe, são elementos essenciais para a historicidade da comunicação e também do jornalismo. Em que pese a história e o jornalismo trabalharem com tempos diferentes, operando o jornalismo com demandas do presente e a história necessariamente com acontecimentos passados, os relatos jornalísticos, feitos a partir de informações e problemáticas do presente, se convertem em objetos da história, na medida em que as fontes hemerográficas figuram como importantes referências documentais da história. Como já foi percebida, a “aproximação dos estudos de jornalismo da teoria da história diz respeito ao fato de que tanto o produto da história como o do jornalismo, num certo sentido, são os mesmos: uma narrativa” (BARBOSA, RIBEIRO, 2020, p. 3-4).

---

<sup>4</sup> Jornal O Dia, Teresina – Piauí. 07.02.1964, p.6; 20.02.1964, p.4; 23.02.1964, p.6; 25.02.1964, p.2.

Conforme explica Castelo Branco (2007b), a partir da concepção foucaultiana de que a realidade é estruturada da cultura, a história se constitui da linguagem. “É no mundo da linguagem que as coisas se passam, na medida em que é a linguagem que constitui os nossos objetos e, mesmo, as nossas figuras de sujeito”. (CASTELO BRANCO, 2007b, p.323). Para Foucault (2006), os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, propondo uma história das ideias que consiste em tratar “[...] não das representações que pode haver por trás dos discursos, mas dos discursos como séries regulares e distintas de acontecimentos” (FOUCAULT, 2006, p.59).

Localizando Torquato Neto como inserido em um contexto de consolidação da pós-modernidade no Brasil, conforme sugerido por Castelo Branco (2005), a apropriação histórica deste sujeito é aqui tratada também no âmbito dos seguintes eixos temáticos: cultura, com o suporte das reflexões de Bhabha (1998) sobre multiculturalismo, a redefinição das culturas nacionais e a revisão do conceito de comunidade humana e a identidade do sujeito pós-moderno, considerando os conceitos de Stuart Hall (2006).

Os textos publicados por Torquato Neto nos jornais tratavam essencialmente sobre cultura, portanto, para analisar este objeto é necessário discutir a cultura e os seus processos iniciados ou desenvolvidos na segunda metade do século XX. Bhabha (1998) explica que a tradição sozinha não é capaz de traduzir a cultura, sendo somente uma forma parcial de identificação, pois ao reencenar o passado outras temporalidades culturais são introduzidas na tradição, afastando qualquer definição fixa de uma identidade original. (BHABHA, 1998, p. 21).

O século XX, tal como percebido por Bhabha (1998, p. 26), é o cenário de pós-colonialidade, de hibridismo cultural e também do desenvolvimento de estratégias de resistência, o que resulta em um “Novo internacionalismo” cuja marca mais distintiva é a erosão das culturas nacionais, as quais, crescentemente, são produzidas a partir da perspectiva das minorias destituídas.

[...] a demografia do novo internacionalismo é a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos. (BHABHA, 1998, p.24).

Na situação de sujeito que se desloca, em processo de migração do Piauí para o sudeste do Brasil, a identidade de Torquato Neto pode ser interpretada a partir do conceito de Bhabha (1998), que apresenta a identidade como sendo um processo de interação. Este conceito também é relevante para compreender os movimentos culturais que aconteceram no país entre o final da década de 1960 e início de 1970 nos quais Torquato Neto participou

ativamente, seja como compositor ou jornalista. A identidade como interação “[...] é o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência”. (BHABHA, 1998, p.29).

Na pós-modernidade— a qual corresponderia no Brasil à viragem da década de 1950 para a década de 1960 (CASTELO BRANCO, 2005) —o sujeito vem se tornando fragmentado, composto de várias identidades contraditórias e estas características de desfiguração de uma identidade que antes era consistente é consequência da forma como a sociedade elabora seus modos de produção e vivência social. Neste novo cenário surgem as chamadas ‘crises de identidade’, como fruto da decadência de referências antes tidas como certas pelos sujeitos da modernidade (HALL, 2006).

Hall (2006) classificou três tipos de sujeitos que adquiriram características específicas nos diversos momentos da história. O sujeito do iluminismo, marcado pelo individualismo; o sujeito sociológico, com forte motivação para a relação com outras pessoas e o sujeito pós-moderno, que possui várias identidades contraditórias (HALL, 2006, p.10).

No mundo pós-moderno as nações estão interligadas por experiências comunicativas que suscitam trocas culturais. Um exemplo destes fenômenos é a contracultura, termo usado pela imprensa norte americana na década de 1960 para definir as manifestações que compunham “[...] um movimento eclético, de caráter místico-político, que tinha por objetivo rebelar-se contra os valores instituídos pela sociedade norte-americana” (BARROS, 2007, p.11).

As idéias contraculturais, provenientes do movimento hippie dos Estados Unidos, chegaram ao Brasil no final dos anos 60, adquirindo cores locais incompreendidas por grande parte da população brasileira. Estas idéias ganharam visibilidade com o Tropicalismo, apreendido como algo exótico, um “enlatado americano”, uma moda burguesa, considerada um verdadeiro perigo para a sociedade, devido às suas idéias desagregadoras da família e do sistema. Tanto a direita militar quanto a esquerda ortodoxa consideravam o “desbunde” como um movimento “imaturo”, subjetivo e individualista. Seus participantes eram rotulados de “meninos de Marcuse”, “alienados” e, por fim, “malucos” por causa da valorização dos processos intuitivos, sensoriais e imaginativos. As críticas, contudo, não impediram as manifestações da contracultura brasileira, que obteve visibilidade através de shows improvisados, espetáculos teatrais, filmes super-8 e publicações (que raramente chegavam a uma grande circulação e tinham uma existência efêmera) (BARROS, 2007, p.12-13).

Mas como nos processos multiculturalistas não há propriamente uma reprodução dos fenômenos culturais, mas sim hibridismos, observaram-se distinções entre a contracultura norte-americana e a brasileira. Nos Estados Unidos, além das mudanças no âmbito cultural e comportamental, houve ressonâncias do movimento também na política com movimentos

pacifistas contra a Guerra do Vietnã e contra o sistema capitalista, também reivindicações dos direitos das chamadas minorias, como os negros, mulheres e homossexuais. (BARROS, 2007, p. 13).

As reconfigurações da linguagem, importantes para este estudo, são marcantes nos movimentos culturais deste período, como a apropriação de materiais e símbolos comerciais como referência para a produção artística. Neste contexto de contracultura, Torquato Neto também fez uma reconfiguração da linguagem a partir de sua atuação jornalística, inserindo elementos da imprensa alternativa em grandes jornais do país, além das experiências mais ousadas em publicações marginais, como *Navilouca*.

### **A linguagem jornalística como luta política**

Castelo Branco (2020) classifica a atuação de Torquato Neto no jornalismo em três fases distintas: a primeira referente a uma monografia, intitulada ‘Arte e Cultura Popular’, que o poeta publicou, em quatro partes, no jornal *O Dia*, de Teresina, em fevereiro de 1964; a segunda fase com a publicação das colunas *Música Popular* (*Jornal dos Sports*, 1967), *Plug* (*Correio da Manhã*, 1971) e *Geléia Geral* (*Última Hora*, 1971-1972) e a terceira fase com a revista *Navilouca* (publicada após a morte do jornalista, em 1974). “O Torquato jornalista, portanto, caminha de um sujeito “armorialista” – em Arte e cultura Popular – para um sujeito tropicalista – em *Geleia Geral* – e finalmente chega a um processo radical de experimentação linguística com *Navilouca* (CASTELO BRANCO, 2020, p. 465).

Em “Arte e Cultura Popular”, Torquato Neto faz uma reflexão sobre a cultura brasileira, analisando as tradições, o folclore e a literatura regionalista. “Curiosamente, Arte e Cultura Popular revela um Torquato “armorialista”, crente na existência de uma distinta cultura brasileira que precisava, de seu ponto de vista, ser protegida e salvaguardada do contágio exterior” (CASTELO BRANCO, 2007a, p. 2).

Na segunda fase aqui referenciada, aquela das colunas *Música Popular*, *Plug* e *Geleia Geral*, Torquato Neto não somente se apresenta como um tropicalista, mas contribui decisivamente para a formulação das ideias tropicalistas. Nestas colunas escreve críticas, análises e notas informativas sobre os produtos e eventos culturais que aconteciam no cenário nacional e internacional. A coluna *Música Popular*, por sua vez, conta o percurso da constituição da música brasileira naquele período, com críticas aos festivais, programas de televisão e a toda a complexa indústria cultural que se firmava no Brasil. Na publicação,

Torquato narrava o processo de formação do tropicalismo, falava sobre o clima bélico entre os defensores da MPB contra as guitarras e a turma da Jovem Guarda (COELHO, 2016, p.53).

Na *Plug* Torquato foi editor de cinema, em cuja condição iniciou “uma campanha sistemática contra o Cinema Novo – e a favor do Super 8 – que chegaria ao auge na *Geléia Geral*” (PIRES, 2004, p.17). Nesta coluna o poeta imprimiu um estilo coloquialista e começou a romper com a forma tradicional do texto jornalístico, “[...] levando à grande imprensa uma dicção própria dos veículos alternativos” (PIRES, 2004, p.17).

*Geléia Geral* pode ser considerada a produção mais linear e duradoura de Torquato Neto, reunindo um total de 142 colunas, com notas e textos diversos. A primeira vista poderiam ser classificados como comentários analíticos, cartas, poemas, críticas e crônicas, mas que também não podem ser encaixadas de antemão nos já conhecidos gêneros e formatos jornalísticos, dado o ineditismo e experimentalismo do texto torquateano. Necessita, portanto, de análise mais aprofundada, a qual é um dos objetivos deste projeto.

Heloisa Buarque de Holanda (2016), para quem Torquato “[...] introduz na escrita do jornal e no formato da coluna diária a estética do fragmento que norteia o discurso tropicalista”, aponta que a coluna *Geleia Geral* se constituiu em um material essencial para a compreensão sobre a história da cultura brasileira do início da década de 1970 (pós AI5), além de ser um material vanguardista no que concerne a um “jornalismo experimental”.

Desafinando os padrões jornalísticos, Torquato espelha o presente através do jogo de prismas e reflexos onde o inacabado, o material bruto, o fragmento, a fragilização da autoria desempenham um papel fundamental. Um trabalho, enfim, profundamente sintonizado com a ‘forma’ e com o projeto existencial e político com que o Tropicalismo enfrentou aqueles tempos de espaçonaves e guerrilhas. (BUARQUE DE HOLANDA, 2016, p.18-19).

Andrade (2016) ressalta a coluna *Geleia Geral* como um espaço de resistência e registro do inconformismo de seu autor com o contexto da época, usando “tática marginal” para ocupar espaço na grande imprensa e se fazer ouvir. “O poeta cria estratégias de resistência para minar o autoritarismo do Estado. Injetando o vírus da contra-ordem, semeando bom-humor e ternura em meio à força bruta e irracional da repressão e da tortura” (ANDRADE, 2016, p. 167). O autor classifica os textos de Torquato Neto como “telegráficos”, que seriam usados para dar conselhos aos leitores de resistência diante do momento político que passava o país.

Na crítica aguda àquele momento de sufoco, ao sugerir, com toques de lucidez, inúmeras saídas como tomada de consciência, Torquato utiliza-se dos verbos no modo imperativo, emprestando às palavras o tom de ordens “subversivas”, que criam, de imediato, o confronto com as ordens oficiais:

“tomar conta do espaço”, “Antes ocupe. Depois se vire”, “dê um role”. “acredite”, “procure”, “não tenha medo”, “não traia”, “resista”, “não brinque”, “preste atenção”, “transe e ande por aí”, “não se descuide”. (ANDRADE, 2016, p. 166).

Ainda como redator da coluna *Geleia Geral*, Torquato Neto inaugurou uma nova postura a partir de seu afastamento do grupo Baiano, transformando a sua coluna “numa tribuna das experiências culturais ‘marginais’”, dando “apoio à marginalidade dos experimentalistas, como Sganzerla, Bressane, Ivan Cardoso, Luiz Otávio Pimentel e outros agitadores que naquele momento ‘representavam o lado urbano e universalista do cinema brasileiro’”, (CASTELO BRANCO, 2004). Com a transitoriedade de quem ousa mudar, se reinventar, reescrever conceitos e formas de atuar no mundo, o percurso de Torquato Neto como jornalista é um exemplo de sua inventividade constante. A terceira fase do Torquato jornalista representa o ápice do seu experimentalismo reunindo arte e jornalismo na revista *Navilouca*.

Inspirada em Michel Foucault<sup>5</sup>, subtitulada “Almanaque dos Aqualoucos”, foi organizada e coordenada em parceria com Waly Sailormoon, e teve propositalmente apenas uma edição. Reuniu artigos de autores tais como Rogério Duarte, Duda Machado, Ivan Cardoso, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Hélio Oiticica e Lygia Clark, entre outros. “Graficamente muito bem elaborada, foi uma produção totalmente diversa da precariedade e improvisação característica de outros alternativos, unidos pela proposta de linguagem artística nova e experimental, nos campos da poesia, cinema e artes plásticas” (BARROS, 2005, p. 81).

A publicação é considerada vanguarda no conjunto das experiências da imprensa alternativa no Brasil no contexto do movimento de contracultura. Além de Torquato Neto e Waly Salomão, outros jornalistas desenvolveram projetos inovadores na chamada imprensa contracultural, dentre eles Luiz Carlos Maciel com a coluna *Underground* (1969-1971) no semanário *O Pasquim*.

*Navilouca* e toda a produção jornalística de Torquato Neto, assim como sua obra poética, demonstram uma relação complexa com a apropriação da linguagem, o que indica para conflitos do seu próprio existir em relação ao tempo e ao mundo. Não somente na estética de sua obra, mas muitas vezes Torquato expressou textualmente sua angústia em relação à

---

<sup>5</sup> As pesquisas de Michel Foucault sobre a loucura tornaram conhecido um vigoroso processo de segregação dos loucos, os quais eram, durante a Idade Média, enclausurados num navio, a nau dos loucos, e obrigados a vagar a esmo pelos mares. (CASTELO BRANCO, 2004, p. 160)

linguagem, como neste trecho: “Quando eu a recito ou quando eu a escrevo, uma palavra – um mundo poluído – explode comigo”. (TORQUATO NETO, 1973, p. 23). Ou neste outro: “As palavras inutilizadas são armas mortas e a linguagem de ontem impõe a ordem de hoje” (TORQUATO NETO, 1973, p.23). Desta forma, imprimiu uma reflexão sobre a linguagem marcada pela desconfiança e pela formulação de contra-linguagens. “O jovem Torquato, implicado nas ciladas da linguagem, percebe que toda estrutura semiótica nos impõe as formas de sujeito e objeto na disposição dos lugares de fala e poder, identificando o indivíduo dentro do espaço social”. (CASTELO BRANCO, 2016, p.100).

Para Castelo Branco (2016), Torquato Neto travou uma verdadeira “guerrilha semântica” e fez da linguagem uma luta política. “Torquato reconheceu nas palavras as armas de que poderia se valer para furar o bloqueio das formas dominantes de pensamento, ainda que ao mesmo tempo revelasse grande desconfiança em relação a estas mesmas palavras”. (CASTELO BRANCO, 2016, p.98).

O jornalismo de Torquato Neto é resultado da forma inventiva e ousada com que ele lidava com a linguagem. Sendo um ativista, levantando bandeiras no campo cultural e político, ele fugiu da objetividade tecnicista do jornalismo industrial. Assim, a obra jornalística de Torquato Neto favoreceu a abertura de um fluxo contracultural na imprensa brasileira através de experimentos linguísticos diversos, arriscando novas formas e estética para comunicar suas ideias ao público leitor.

A melhor consequência da transitoriedade é um certo amadorismo – se contraposto à postura de um profissional que observa com solenidade e ortodoxia as convenções de sua atividade – que só fez de Torquato um jornalista sem travas, pronto a externar tanto as opiniões mais contundentes quanto a levar para uma grande redação o lado confessional e ‘sujo’ da imprensa alternativa que nascia na época como tentativa de driblar a censura” (PIRES, 2004, p.10).

As tensões políticas no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970 ocasionaram tensões culturais com consequências também na prática jornalística. Além destas questões, as experiências geográficas e intelectuais de Torquato Neto provocaram alterações nas suas concepções sobre a cultura e estética ao longo de sua atuação profissional, seja como compositor, cineasta ou jornalista.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da História.** Bauru: Edusc, 2007.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado.** Lisboa, Presença Editorial, 1978.

ANDRADE, Paulo. A trajetória do herói rebelde. In: CASTELO BRANCO, Edwar; CARDOSO, Vinícius Alves (Orgs.). **Torquato: um poliedro de faces infinitas.** Teresina: Edufpi, 2016. P. 161 – 175.

BAKTHIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 6.ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BARROS, Patrícia Marcondes. **A imprensa alternativa na contracultura no Brasil (1968-1974): alcances e desafios.** Revista Patrimônio e Memória. V. 1. N. 1, p.78-85, 2005.

BARROS, Patrícia Marcondes. **Provocações brasileiras: a imprensa contracultural made in Brazil – coluna Underground (1969-1971), Flor do Mal (1971) & a Rolling Stone brasileira (1972-1973).** Tese. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis – SP, 2007.

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **O que a história pode legar aos estudos de jornalismo.** Revista Contracampo. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17385/11022>>. Acesso em: 12 set. 2020.

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura.** Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. Poetas rendem chefe de redação. In: CASTELO BRANCO, Edwar; CARDOSO, Vinícius Alves (Orgs.). **Torquato: um poliedro de faces infinitas.** Teresina: Edufpi, 2016.

CARDOSO, Vinícius Alves. Quando eu saí de casa eu trouxe a viagem de volta gravada na minha mão: memória das origens em Torquato Neto. In: CASTELO BRANCO, Edwar; CARDOSO, Vinícius Alves (Orgs.). **Torquato: um poliedro de faces infinitas.** Teresina: Edufpi, 2016. P. 139 – 159.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália.** Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. 2004.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Toda palavra guarda uma cilada: Torquato Neto entre a vertigem e a viagem.** Fenix - Revista de História e Estudos Culturais. Vol 4. Ano IV. Nº 2. 2007a.

CASTELO BRANCO, Edwar. **Fazer ver o que vemos: Michel Foucault - por uma história diagnóstica do presente.** História UNISINOS. 11(3): 321-329, setembro/dezembro, 2007b.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. A perfeição das coisas feitas nas coxas: o jovem Torquato implicado nas ciladas da linguagem. In: CASTELO BRANCO, Edwar; CARDOSO, Vinícius Alves (Orgs.). **Torquato: um poliedro de faces infinitas.** Teresina: Edufpi, 2016. P. 97 – 106.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **“Quem anda, quem transa, quem lê jornal”:** o jornalismo de Torquato Neto. 2020. In: QUEIROZ, Teresinha; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.). Páginas impressas: história, imprensa e política no Brasil. São Paulo: Mentis Abertas: 2020.

COELHO, Frederico Oliveira. A formação de um tropicalista: um breve estudo da coluna “Música Popular”, de Torquato Neto. In: CASTELO BRANCO, Edwar; CARDOSO, Vinícius Alves (Orgs.). **Torquato: um poliedro de faces infinitas**. Teresina: Edufpi, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, S., **Identidade Culturalna Pós Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

NUNES, Aurimar Jacobino de Barros. **Torquato Neto e a tropicália: biografemas de Nosferatu**. Dissertação do Mestrado em Diplomacia. Instituto Rio Branco. Brasília, 2003.

PIRES, Paulo Roberto. (Org.) **Torquatália: obra reunida de Torquato Neto**. Vol II. Geléia Geral. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

TORQUATO NETO. **Os últimos dias de Paupéria**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

TORQUATO NETO. **Arte e cultura popular – I**. Jornal “O DIA”. Teresina, Piauí, 07 de fevereiro de 1964.

TORQUATO NETO. **Arte e cultura popular – II**. Jornal “O DIA”. Teresina, Piauí, 20 de fevereiro de 1964.

TORQUATO NETO. **Arte e cultura popular – III**. Jornal “O DIA”. Teresina, Piauí, 23 de fevereiro de 1964.